

SOBRE A DECIFRAÇÃO DE SI MESMO EM *OIDIPOUS TYRANNOS* (com observações sobre a tradução de Trajano Vieira)

Lúcio Lauro Barrozo Massafferri Salles
Psicanalista e Mestrando em Filosofia da UFRJ

Resumo : Este artigo destaca algumas ações trágicas da obra Édipo Rei de Sófocles. Aristóteles considerava esta tragédia como a mais perfeita do teatro grego. O encontro entre um estilo narrativo das forças divinas com um discurso de se saber-o-mundo pela decifração dos enigmas do real, através da inteligência, dão forma à tragédia em questão. Há uma unidade na Obra de Sófocles, que faz de Édipo Rei uma espécie de obra viva, dotada de intenso poder de afecção, que aparece tanto nas relações entre os personagens como nos efeitos causados na plateia e nos leitores. Acredita-se assim que se possa gerar uma reflexão sobre os aspectos fundamentais desta tragédia grega, em que se tornam visíveis determinados problemas relativos a uma natureza humana, e que se situam nas origens da filosofia.

Palavras-chave: Édipo; Sófocles, Trajano Vieira, psicanálise, enigma.

Abstract : This article highlights some of the tragic actions of Sophocles ' Oedipus the King. Aristotle considered this tragedy as the most perfect of the Greek Theatre. The meeting between a narrative style of divine forces and a speech to know-the-world by intellectual cracking of real puzzles form this tragedy. There is a unity in the work of Sophocles; which makes Oedipus Rex a sort of living work, endowed with intense affection that appears both in the relations between the characters as the effects caused on the audience and readers. We believe that a reflection on the fundamental aspects of this Greek tragedy makes visible certain questions relating to human nature, located in the origins of philosophy.

Keywords: Oedipus; Sophocles, Trajano Vieira, psychoanalysis, riddle.

“O tirano ousará usar de violência contra o pai e, se ele não obedecer, ousará espancá-lo?

- Sabes de que sinto falta ainda?...de uma pesquisa sobre os desejos...parece que não distinguimos bem quais, e quantos são...Para mim, entre os prazeres não-necessários, alguns estão à margem da lei.

Quais são esses desejos de que falas?

- Os que surgem durante o sono, quando a outra parte da alma que, racional e mansa, comanda a outra parte está dormindo e a parte animal e selvagem, farta de comida e bebida, procurando afastar o sono, empina-se e procura ir embora e satisfazer seus gostos. Sabes que, em tal momento, tudo ousa, como se estivesse livre e afastada de tudo, do pudor e da sabedoria, Não hesita, parece, em tentar unir-se à sua mãe, a qualquer outro que seja, deuses, homens ou animais que sejam, assassinar quem quer que seja...” (Platão, *Republica* 571 c-d)

Do que nos fala a tragédia de Édipo Rei? O que há de tão fascinante nesta peça trágica de Sófocles, que possa justificar o fato de ser uma das Obras de dramaturgia mais assistidas, e lidas, em todos os tempos¹?

A filosofia – através de Aristóteles – nos sugere que tal encantamento deve-se à *kátharsis* proporcionada pelos sentimentos de temor e compaixão², conjugadas em uma absoluta perfeição estética, para o antigo teatro grego. Mais filosófica do que a história, a poesia nos conduziria ao mundo do possível – ao invés dos fatos concretos particulares³. Mundo este em que os discursos e ações conjugadas em cena são capazes de produzir – e reproduzir – as situações de vida em que os homens conseguem se reconhecer.

A psicanálise freudiana – que nas suas origens clínicas lançou mão da ideia de catarse para tratar o sofrimento de pacientes histéricas – propôs que a reação de horror diante de *Oidipous Tyrannos* seria um evento de ordem universal⁴ – um ponto fundamental para que Freud conseguisse elaborar a sua teoria a respeito da constituição psíquica do homem⁵.

Em ambas as perspectivas os afetos causados pela desventura de Édipo – passíveis de recair sobre qualquer um – são índices de afetos típicos vividos por espectadores que se identificam com aspectos do personagem; é o “real” que se mistura com o “mito”. E isso pode passar tanto pela revelação da consumação de crimes que envolvem interdições de laço de sangue, como por uma evidente impotência diante do destino, ou – o que é mais aterrador – pela destruição completa da identidade que se acreditava possuir. Entre a decifração do enigma da esfinge, que o rei tebano crê ter realizado, e o desfecho da trama, o que se vê e se sente é a dor e o choque entre duas ideias bastante caras à filosofia. Trata-se das ideias de verdade e de aparência – relativas a certo saber sobre si – do que se acredita que seja e do que aparenta ser.

Édipo não é exatamente um “mito” concebido na imobilidade descritiva de uma pura imagem, ou de um nome que o represente. Édipo é um personagem, mas é também

¹ SÓFOCLES. *Édipo Rei* (Edição Bilingue, trad. Trajano Vieira). São Paulo. Ed. Perspectiva 2007.

² Cf. *Poética*. 1449b 24.

³ Idem, Cap. IX.

⁴ FREUD, S. Carta 71.

⁵ O método catártico de Breuer e Freud dialoga intensamente com a interpretação do filólogo alemão, Jacob Bernays a respeito da catarse na *Poética* de Aristóteles, partindo de um artigo de 1857, “*Zwei Abhandlungen über die aristotelische Theorie des Drama*”, aonde Bernays enfatiza o caráter corporal e “patológico” das transformações emocionais. Ver também “*Personagens Psicopáticos do Palco*”, de Freud (1905).

a composição de atos que o constituem como unidade trágica, dentro da trama e do drama, agindo na tragédia. Num drama – assim como na chamada vida real – pode-se passar da mais absoluta tranquilidade para o infortúnio, da felicidade para o seu contrário: “... Assim, no Édipo, o mensageiro que viera no propósito de tranquilizar o rei e de libertá-lo do terror que sentia nas suas relações com a mãe, descobrindo quem ele era, causou o efeito contrário...”⁶. É a tensão entre o que normalmente se espera que possa vir a acontecer, e o que efetivamente acontece. Onde se esperava um apaziguamento, ou uma ação pacificadora das emoções, aparece justamente o que, a princípio, buscava se dissolver, isto é, o terror.

Esta reviravolta – literalmente dramática – inverte o curso da trama, ao produzir revelações e certa unidade em relação ao sentido da história, isto é, unifica o ato do mensageiro [que aparece com a intenção de tranquilizar o rei] com o efeito causado pela sua mensagem [o caráter de verdade que ela contém, para além da vontade inicial de apaziguar a angústia e o terror do rei, vai gerar uma outra reação]. Édipo reconhece algo ali – instalado pela mensagem – que lhe diz respeito, que lhe causa alguma provocação, do saber sobre si mesmo. É o fato de reconhecer algo nas ações e nos discursos que lhe permitirá tomar conhecimento de que não sabia tanto, na verdade, a respeito do que supunha saber. Na forma do inquérito o que se buscava de início não era a verdade, mas sim o desencobrimento da identidade de um assassino, revelação que livraria Tebas, novamente, da maldição. No mito, como na vida, o que deixa de ser oculto – encoberto – nem sempre é o verdadeiro.

Ora, de início, se pensarmos no que deveria ser o começo da vida de Édipo – e que se refere à saga dos Labdácidas – poderemos observar um caráter piedoso [no ato do servo que acaba por salvar a sua vida] em contraposição a uma ação de caráter terrível, como é o fato de ter sido Édipo entregue á própria “má-sorte”, para morrer no monte *Cíteron*. O terror, imanente a uma espécie de tentativa de infanticídio, no início operado por Laio e, por que não, por Jocasta, se dissolve, parcialmente, na sequência em que a vida de Édipo é salva por uma ação de terceiros.

ÉDIPO: Foi ela quem te deu a criança?

SERVO: Exatamente, rei.

ÉDIPO: Com que finalidade?

SERVO: Para dar cabo dele.

ÉDIPO: A própria mãe? Incrível!

⁶ Ibid., 1452a 22-28.

SERVO: Temia um mau oráculo.

ÉDIPO: Qual?

SERVO: Seria o matador dos pais – diziam.

ÉDIPO: Por que motivo então o deste ao velho?

SERVO: Me condoí. Pensei: ao seu país de origem levará o menino. Para um mal maior, salvou-o. Se és quem ele diz, crê: nasceste para a desventura.

(SÓFOCLES, 1170, 1175).

Ainda pensando o reconhecimento dos atos e os seus efeitos, acredita-se ser assim que um mesmo encadeamento de ações passíveis de suscitar terror, possa também provocar o sentimento de compaixão.

As interpretações podem ficar mais interessantes se considerarmos a composição trágica em sua estrutura, que tem início, meio e fim. É neste sentido que se poderá observar o mais elevado caráter de imitação das ações humanas, uma vez que é próprio do homem ter a necessidade de se situar no tempo, significando a vida em sua própria duração. Édipo Rei circula entre presente, passado, e futuro – assim como o homem – nos efeitos de seu dizer para a Esfinge, como sendo o [ser] de dois, três e quatro pés. Pode-se ter uma ideia ainda mais clara dos percursos e percalços do herói, analisando-se o desenrolar das suas relações com determinados personagens na trama.

Em seu caráter estético o reconhecimento da verdade que se dá nesta tragédia é perfeitamente harmonizado com a reviravolta da história, em relação ao destino do herói. O inesperado – que é a revelação da identidade de Édipo em determinado momento – se dá em conformidade com o esperado – que a rigorosa busca pelo assassino do antigo rei, Laio, tivesse êxito. Tratava-se de um empreendimento que contava com a obstinação do Rei de Tebas, cuja sabedoria e astúcia nem mesmo a Esfinge havia conseguido suplantar.

É numa consulta ao oráculo que se revela o tipo de problema que assolava cidade:

A unidade e o conflito entre o Ser e a Aparência exercem originariamente no pensamento dos primeiros pensadores gregos uma força poderosa. Todavia é nas tragédias gregas que tudo isso vai receber a exposição mais alta e pura. Pensemos no Édipo Rei de Sófocles. Édipo, de início salvador e senhor da Cidade, no esplendor da fama e da graça dos deuses, vai sendo deslocado dessa aparência (Schein), que não constitui de forma alguma um parecer meramente subjetivo de Édipo a seu respeito, mas a atmosfera em que aparece a sua existência, até que se dê a re-velação (Unverborgenheit) de seu ser, como assassino do pai e desrespeitador da mãe...(…)...A cidade está velado e oculto o assassino do então rei Laio. Com a paixão de quem está na

evidência do esplendor grego e é grego, empenha-se Édipo em descobrir esse velado e oculto⁷.

Édipo nos fala do grande drama humano, que é o de se ver encurralado entre um [não] saber sobre si-mesmo, e a torrente do fluxo contínuo da vida. Trata da questão da culpa, da responsabilidade acerca dos próprios atos, de quando os seus efeitos repercutem na *polis*, e da inocência, quando se pode ter uma série de argumentos que ensejem uma defesa possível para ações indesejáveis, e principalmente indesejadas.

São águas profundas e violentas, as do rio que Édipo adentra, e sua travessia, na tragédia composta por Sófocles, demonstra com clareza que o herói de Tebas não pode ser o mesmo, ao final da trama, em relação àquele que a inicia. O oráculo, a princípio, nada dizia para sobre algo além da predição de que viria a matar o pai e a casar com a mãe, em algum tempo futuro. Para Laio o oráculo diz o mesmo, mesmo não tendo a mesma significação que tem para Édipo, uma vez que é a sua própria vida [de Laio], o seu trono, e a posse de sua mulher, que estão ameaçadas, de acordo com a sentença divina.

Édipo assume o trono de Tebas deixando pelo caminho as vítimas de sua força física [em duelo na estrada] e de sua capacidade intelectual para decifrar enigmas [vence o desafio da Esfinge]. Édipo, pai e irmão de seus filhos, simultaneamente, na mesma relação com Jocasta, sua mãe, que é mãe e avó de seus filhos. Seriam todos os homens, em parte, um pouco como Édipo? As emoções que neles se transformam, através da poesia trágica, têm origem no desejo de se buscar a verdade, ou seria apenas uma “despretensiosa” possibilidade de se ter uma verdade diante de si, que tem o seu valor, independentemente de ser, ou não ser, reconhecida?

Mas por que Apolo? Por que Édipo atribui o cumprimento de seus males, incluindo (se a passagem foi corretamente interpretada) seu próprio auto-cegamento, a Apolo?...[...]...Mas Apolo está envolvido num plano mais profundo. Se ele está interessado na verdade de seus oráculos, o deus em cujo templo está inscrito o mote *gnothi sauton* (“conhece-te a ti mesmo”) ocupava-se do autoconhecimento humano.⁸

Veremos adiante que é com Tirésias que Édipo trava um dos encontros mais impregnado de significações de toda a trama. E é na relação com Tirésias que se notará

⁷ HEIDEGGER, *apud* SÓFOCLES (trad. Trajano Vieira), pg. 169, 2007.

⁸ R.P. WINNINGTON-INGRAM, *Sophocles, An Interpretation*, Cambridge, University Press, 1980, *apud* SÓFOCLES (trad. Trajano Vieira), 2007, pg.174.

também uma espécie de metáfora possível, constitutiva da própria filosofia, que nos transporta pelo amor ao saber [de si mesmo, do outro, do mundo], na medida em que há sempre algo que não pode ser visto, que é velado ao homem, em sua condição de vivente.

O homem pode conhecer o real e a si mesmo, ou apenas teria acesso – através das suas relações – aos efeitos de suas próprias ações, praticando o ato maior de se viver? O dito emblemático, imortalizado por Platão, do estilo dialógico socrático de filosofar: “*conhece-te a ti mesmo*”, se encontra escrito aos pés de Apolo. Em que medida os homens são livres para escolher, ou, em contrapartida, são determinados a viver em um mundo necessário? Como determinar verdades absolutas, contextualizadas em tramas de linguagem, esta marca indelével do humano, tais como a que arditamente iludiu Édipo? Como apreender como um todo – tudo aquilo que é “agido e falado”, que causa modificações e afecções na alma – e nesta mesma via poder compreender o que sai e se transforma, como efeito de discurso, como efeito de ser atingido, como marca de existência?

Examinemos um dos momentos de maior tensão em Édipo Rei. Trata-se do encontro entre Édipo e Tirésias. Tirésias, em determinado momento, diz servir a Apolo, desafiando Édipo, de certa forma, e reclamando para a si a força de sua própria palavra. Se fora chamado, argumenta o vidente, é porque o rei dele precisava:

TIRÈSIAS: “De onde vens? Sabes ser o horror dos teus, desses
que a terra encobre ou – sobre-vivem?
ÉDIPO: Ouvir o que ele diz é insuportável.
Vai para o inferno! Some! Vai de retro
à tua morada e deixa meu palácio.”
(SÓFOCLES, *Édipo Rei*, 415, 430).

Tirésias retruca lembrando que fora convocado, sim, por Édipo, o “mestre das decifrações”. Tirésias, que afirma servir a Apolo, está ali para provocar-lhe a arte de bem enxergar a qual, embora pudesse parecer, não se tratava exatamente de uma arte da decifração. E o que se sucede daí? Édipo escuta Tirésias e reconhece então a sua face oculta? O encontro entre os dois ainda não é de total revelação, e nem de reconhecimento.

TIRÈSIAS: Afirmo que és o matador buscado (362).

Passemos a uma suspensão do diálogo entre Édipo e Tirésias, para que se possam observar algumas proximidades entre os dois personagens. A afirmação de Tirésias, imputando a autoria do(s) crime(s) à Édipo, não é reconhecida como uma verdade. Da incredulidade, diante das palavras do adivinho, até a cólera, Édipo passa por certa desconfiança, vislumbra um possível complô, para que se possa justificar tamanho absurdo que acredita estar se apresentando diante de si.

Há certa relação de identidade entre Édipo e Tirésias. Podemos indicar – desde as semelhanças físicas que se impõe depois da morte de Jocasta – até alguns elementos históricos dos personagens, que nos permite pensá-los separados deste encontro na obra de Sófocles.

Édipo perde a visão – cegando-se – ao saber de verdades insuportáveis para o seu espírito. Sendo Jocasta a sua mãe e Laio o seu pai, Édipo vê, em primeira mão, toda uma estrutura simbólica [e por que não fictícia?] a respeito de suas origens sendo destroçada, na falsa ideia inicial de que seria filho de Políbio e Mérope. Seguem-se aos fatos de confirmação da predição divina do Oráculo, a revelação de uma tentativa de assassinato de Édipo, fracassada, onde seu pai verdadeiro, Laio, seria o mandante, com o agravante de se ter a própria mãe como cúmplice. É como se os crimes se invertessem, pois é Édipo que os concretiza, através do parricídio e do incesto. Esta, possivelmente, é a mais impressionante das peripécias que se realiza na peça. Apenas para pensar: Édipo, sem saber, teria conseguido vingar-se de seu(s) pai(s)?

Tirésias, bem assim como Édipo, tem o seu passado associado ao *Monte Cíteron*. Teria sido ali, onde Édipo fora abandonado com os tornozelos trespassados, que Tirésias mudaria o curso de sua própria história, ao conhecer as peculiaridades da(s) identidade(s) feminina e masculina, sob a forma de duas serpentes.

Embora existam outras versões, a que nos permite tecer esta aproximação diz que Tirésias teria separado a cópula entre duas serpentes, tendo, a partir disso, vivido como fêmea por alguns anos, e macho por tantos outros. Perde então a visão por fazer a revelação, diante de Zeus e de Hera, de que a mulher tem nove vezes mais prazer do que o homem; em um ato sexual.

É uma revelação que, se invertida em seu sentido primeiro, pode dizer também que os homens teriam mais poder de causar prazer, numa proporção de nove para um, em relação às mulheres. Mas não é esta parte da discussão que é a mais importante no caso, e sim o resultado da revelação que Tirésias faz, tornando-se por isso vidente e

perdendo a visão – ao dizer a verdade de maneira direta – ganhando também um cajado para que pudesse se guiar com destreza⁹. Torna-se cego, Tirésias; o ser de três pés.

A Esfinge, assim como Tirésias, representa certos questionamentos que – na forma de poesia – dizem respeito à determinadas discussões pertinentes à nascente da filosofia: “*A Esfinge com um corpo alado “fêmea/macho”, pertence ao mesmo repertório imaginário que outros monstros míticos, guardiões de tesouros ocultos*”. O que chama a atenção nem é tanto o fato de que as serpentes do episódio vivido por Tirésias sejam representadas pelo par “fêmea/macho”, mas sim o que se encontra nas entrelinhas deste tipo de representação: “*Os tesouros ocultos do monstro não são de ouro. Neste caso específico, o fabuloso tesouro é intelectual: o conhecimento. O segredo oculto e cuidadosamente guardado é o desconhecido do enigma sexual*”¹⁰. Deste modo pode-se aproximar Tirésias – e a própria Esfinge – do questionamento sobre o que é o homem. O que o assemelha, ou diferencia, de outro(s) ser (es), em um aspecto. E em outro, já no coração de uma definição mais específica: o que faz a marca da diferenciação sexual? Sim, o mito de Tirésias – no *Monte Cíteron* – dá todas as pistas a respeito do tipo de disputa – com a sua temática – em que os deuses solicitaram o seu conhecimento sensível. Identidade e diferença [sexual], girando em um eixo de relativo poder : quem tem ou proporciona mais prazer, homens ou mulheres?.

É uma outra face, com maior grau de complexidade, para a questão colocada – de fato – pela Esfinge : ‘mas o que é o homem, com seu nome e suas marcas no corpo, em sua duração?’ e que passa despercebida por Édipo.

Quando Liríope – mãe de Narciso – pergunta a Tirésias se o filho viveria muito, escuta a previsão do sábio: *Sim, contanto que não se veja...* [Ovídio, *Metamorfoses*, III, 248]. Sabe-se que Narciso ficou olhando *ad aeternum* para o reflexo de sua própria imagem, assim como é fato que as interpretações a respeito desta passagem são inesgotáveis. O que nos interessa relacionar, seguindo a trilha aberta por Édipo, é o discurso de Tirésias, em seu diálogo com o herói de Tebas, e a sua relação com o saber e com a identidade. Se Édipo, de certa forma, pode muito bem representar uma faceta do discurso do saber, Narciso também o faz. Em outras palavras, Narciso e Édipo – tocados pelas palavras de Tirésias – são atores da condição humana, naquilo em que ela tem de mais radical, de mais estruturante, e sob o que ela é estruturada. O homem que

⁹ BRANDÃO, J. *Mitologia Grega*. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, p.265.

¹⁰ THEODORE T.T, *The Subconsciouss Language*, Washington Square Press, 1967 apud SÓFOCLES, 2007, pg. 171.

fala e que vê, errante, estrangeiro em sua própria morada, a morada do *saber sobre si mesmo*.

Ora, Édipo atravessa toda sorte de ações, foge de seu destino e é alcançado por ele. Seu nome contém, em si mesmo, a chave do enigma de sua identidade, pois o institui, faz a marca, o significa, enquanto filho de Laio e de Jocasta. Fazendo um pequeno jogo de linguagem, aqui, com as traduções à partir do grego, feitas por Trajano Vieira, talvez o enigma de Édipo seja uma questão de “se saber onde” [*Oidi-pous*] no passado, “o de dois pés” [*Oi-dipous*], foi “o de pés inchados” [*Oidipous*]¹¹.

O herói trágico descobre ser quem não pensava ser, e deve isso, de certa forma, ao fato de ter realizado justamente as ações que acreditava estar evitando, ao se afastar de Políbio e Mérope. Sua identidade – se assim pudermos chamar a torrente de percepções simultâneas que deve ter se agrupado na cabeça do homem que imaginamos sob a personagem de Édipo – fica totalmente móvel, mutável, incerta, e mais do que tudo, fundada em relativa estrutura de *ignorância sobre si mesmo*. O choque do real é tão grande que Édipo age de modo a ficar idêntico a Tirésias, o *Tri-pous* [o de três pés].

Narciso fica imóvel – assim se diz em seu mito – no momento em que se vê. Ver as suas formas – descritas como sendo belíssimas – o deixa imóvel, fixado em uma espécie de alienação, que não permite mais nenhuma relação que não seja a de olhar para si mesmo. Narciso se congela no saber de sua própria forma. Assim também é possível que o personagem de Tirésias possa representar um dos polos da relação do saber, numa espécie de alteridade, em que é necessário um outro com quem se dialogue, mesmo que seja para negar, de início, o que deveria ser evidente, como acontece na relação com Édipo, na tragédia de Sófocles. Mesmo que não se reconheça de início – na revelação de uma verdade – algo sobre si mesmo.

A tragédia de Édipo Rei é uma obra viva que nos remete a uma jornada heroica e terrível. Sabe-se que a história de Édipo, na escrita de Sófocles, ainda percorre Antígona e Édipo em Colono, compondo assim a trilogia que contém toda a trama que envolve os seus filhos-irmãos. Acompanhar Édipo tem os seus efeitos, produz afecções e depura as emoções, no dizer de Aristóteles. Ao homem talvez não baste viver, sentir, ver e ouvir, pois ele deseja saber, e uma vez que não consegue efetivar um saber totalmente fixo, absoluto, imutável e apartado do tempo, serve-se da linguagem e dos afetos para mediar-se na relação com aquilo que chama de real. Serve-se de poesia, para poder

¹¹ SÓFOCLES. *Édipo Rei*, (trad. Trajano Vieira). 2007. São Paulo. Ed. Perspectiva p. 27.

seguir em busca de si mesmo, ou de um sentido para aquilo que chama de realidade. É provável que todos tenham um pouco de Édipo.

Qual a realidade – daquelas que se acredita piamente ser do modo exato como foi contada, ou do modo como foi construída – que em algum momento, no tempo e pelo tempo, não estremece em algum grau de ceticismo? O que era verdade para Édipo, ou melhor, o que era Édipo, na verdade? Ao se relacionar passagens da obra com determinados fragmentos do “mosaico hermenêutico”, reunidos na tradução e edição de Trajano Vieira, acredita-se ter oferecido material para reflexão, referenciada a um determinado contexto histórico da composição da obra. Édipo é uma questão, enquanto tragédia. É uma questão que diz respeito à arte, por ser tecida em poesia, de uma maneira intensa. É uma questão filosófica, pois seus atos e discursos giram em torno do problema da identidade, do desconhecimento, do saber velado, das tramas de linguagem. Diz sobre as leis naturais e sobre leis da *polis*, sobre a justiça e a injustiça. Perpassa a dimensão trágica que é característica dos únicos seres que, sabe-se, produzem culpa e realizam vinganças.

Parafraseando Heráclito, em Édipo é bem possível que nos aproximemos filosoficamente, sabendo que ali, também, habitam os deuses.

Referências Bibliográficas:

ARISTÓTELES. *Poética*. Col. Os Pensadores, São Paulo. Ed. Abril Cultural 1973.

_____. *Poética de Aristóteles*. Ed. Trilingue de V. G. Yebra, [texto, trad, com.] Madrid: Gredos, 1974.

DESTRÈE, P. *Education morale et catharsis tragique, Les Études Philosophiques*. 2003, n. 4, pp. 518-35. [trad. em port. Gonçalves, E., Anais de Filosofia Clássica, Vol IV, n.7, 2010 : < <http://www.ifcs.ufrj.br/~afc/> >.

SANTORO, F. *Arqueologia dos Prazeres*. Rio de Janeiro. 2007.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*, (trad. Trajano Vieira). São Paulo. Ed. Perspectiva. 2007.

VERNANT, J.P; NAQUET, P.V. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

[Recebido em novembro de 2011; aceito em dezembro de 2011.]